

QUE LÍNGUA É ESTA? – CONSIDERAÇÕES SOBRE O PLANEJAMENTO DE UM CURSO DE LINGUAGEM NEUTRA

English title: *WHAT LANGUAGE IS THIS? – CONSIDERATIONS ON PLANNING A NEUTRAL LANGUAGE COURSE*

DOI NUMBER: 10.33726/akd2447-7656v16a10year2024p90a105

PESSOA, Marcelo¹ – [ID https://orcid.org/0000-0002-9193-4604](https://orcid.org/0000-0002-9193-4604)

CONDE, Dirceu Cléber² – [ID https://orcid.org/0000-0001-5141-5861](https://orcid.org/0000-0001-5141-5861)

RESUMO: O presente artigo se origina do Projeto de Pesquisa, intitulado “Que Língua é Esta?”, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal de São Carlos. Concomitantemente, este *paper* também preenche os requisitos de obtenção de créditos, feitos pelas Disciplinas de ‘Planejamento de Cursos de Línguas’, e de ‘Produção Acadêmica III’, fazendo figurar este texto como atendimento parcial das exigências para a aprovação e sequência do doutorando no Programa. Ao largo disto, vemos que, durante a montagem de um Curso de Linguagem Neutra / Inclusiva, desdobra-se como objetivo a se destacar, a necessidade de se instruir o debate que se constrói em torno do tema, fenômeno este que cobre, tanto o arcabouço teórico sobre a mensagem de uma Educação Inclusiva / Democrática / Humanizada, quanto alcança os postulados linguísticos da norma padrão da Língua Portuguesa. O resultado esperado, é o de que as ideias aqui apresentadas possam contribuir para a criação de novos Cursos de mesma índole. Justifica a intenção de oferta do Curso, no contexto da UFSCAR, o fato de que várias páginas eletrônicas desta IES, bem como espaços de seu ambiente físico intramuros, direta ou indiretamente acenam para o contexto das questões contemporâneas de gênero, tais como as práticas linguísticas em pauta. Metodologicamente, este trabalho foi realizado, por meio de uma revisão de literatura, de itens dispostos em acervos físicos e digitais, resultando que, no presente recorte, o principal aporte bibliográfico incidiu na produção de Libâneo (1992 e 2002).

PALAVRAS-CHAVE: Produção e Difusão do Conhecimento, Estudos Filosóficos Intersemióticos, Letras, Linguística

ABSTRACT: This article is the result of a research project entitled “Que Língua é Esta?” (What kind of language is this?), developed in the Graduate Program in Linguistics at the Federal University of São Carlos. At the same time, this paper also fulfills the requirements for obtaining credits in the subjects of 'Language Course Planning' and 'Academic Production III', and this text is part of the requirements for the approval and continuation of the PhD student in the Program. Aside from this, we can see that, when putting together a Neutral / Inclusive Language Course, the objective to be highlighted is the need to educate the debate that is being built around the subject, a phenomenon that covers both the theoretical framework on the message of an Inclusive / Democratic / Humanized Education, as well as the linguistic postulates of the standard norm of the Portuguese language. The expected result is that the ideas presented here can contribute to the creation of new courses of the same nature. The reason for offering the course in the context of UFSCAR is the fact that several of the HEI's websites, as well as spaces in its physical environment, directly or indirectly refer to the context of contemporary gender issues, such as the linguistic practices in question. Methodologically, this work was carried out by means of a literature review of items in physical and digital collections, with the result that, in the present section, the main bibliographic contribution was the production of Libâneo (1992 e 2002).

KEYWORDS: Production and Dissemination of Knowledge, Intersemiotic Philosophical Studies, Letters, Linguistic

¹ Doutorando em Linguística, pela UFSCAR. Docente, na Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Frutal. Pesquisa desenvolvida com o apoio da FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

² Docente da Universidade Federal de São Carlos. Coordenador do PPGL – Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCAR e Orientador do Projeto.

INTRODUÇÃO

A ideia de ofertar um Curso de Linguagem Neutra, no contexto da Universidade Federal de São Carlos, pode ser duplamente desafiadora. Primeiro, por que seu Planejamento precisaria atender ao preenchimento de critérios burocráticos de aprovação em Disciplinas do Curso Doutoral ora realizado pelo proponente, uma vez que tal intenção se prende às exigências parciais de aprovação previstas em normas do PPGL da UFSCAR.

Num segundo momento, tal Planejamento iria ao encontro dos principais eixos de ebulição dos Parâmetros Curriculares Nacionais (MEC, 1998): transversalidade curricular & educação inclusiva. Portanto, neste subsequente patamar de superações, o desafio consistiria em se reviver, no Ensino Superior, parte das etapas intelectuais que aparentemente já deveriam ter sido vencidas pelos acadêmicos, tais como as premissas fundamentais de todas as áreas do conhecimento (a aquisição e o acatamento da norma culta da Língua, por exemplo), mas que evidentemente ainda requerem focos de atenção cíclicos, tendo em vista que a Língua Portuguesa e o arcabouço de suas Normas, Acordos e Reformas, ao invés de enrijecidas, refletem o provérbio: *o tempora, o mores* (os costumes mudam com os tempos).

Outros ditames linguísticos, pertencentes ao mesmo eixo reflexivo a ser abordado num conjunto de aulas sobre Linguagem Inclusiva, diria respeito aos sujeitos que expressam itens de comunicação que seriam ‘racistas’, formatando um volume lexical designado pelo rótulo de Linguagem (Não)-racista. Seriam racistas, neste sentido, expressões como “Buraco Negro”, e outras, como “Criado-mudo” e “Macumba”, tal como publicadas em livro, reunindo os vocábulos *trending topics* que vagam pela Internet e pelas redes sociais (TOURINHO, 2022), e descritos noutra obra, Nascimento (2019).

Neste sentido, vemos que juntamente com os costumes, transformam-se a sociedade e seus regimentos de conduta, seus parâmetros de formação intelectual e os interesses de uma Nação. Assim, pensando-se na Linguagem Neutra como uma L1 e, por conseguinte, fruto de uma mesma linha evolutiva social e cultural (a exemplo de GARVIA, 2012), ou mesmo tendo-a como uma L2, um Curso desta natureza ainda requereria que o docente refletisse, sim, sobre a transversalidade, sobre a inclusão embutida nos PCNs como premissas, mas, sobretudo, que se pensasse mais detidamente quanto ao fato, de que:

[...] a aula de português deve ter como objeto de ensino o trabalho sobre a linguagem, de forma que a aprendizagem se defina como novas formas de participação no mundo social, possibilitadas tanto a partir da experiência com novas práticas de letramento quanto a partir de novas compreensões das práticas de letramento já conquistadas (Samuel Gomes de Oliveira, 2022. In: FILHO & OTHERO, 2022, p. 185-186).

Logo, temos neste cenário que, de um lado, os pressupostos tidos como relacionados às boas práticas na Educação, nos orientam para o estabelecimento de procedimentos de um modelo de concepção didático-pedagógica em que se promova uma integração das diversidades, acenando-se com este ato, para o horizonte de que a:

A escola [‘ainda!’ ou? – **inserção minha**] continua sendo o caminho para a igualdade e a inclusão social. Não é possível democracia numa sociedade precariamente desenvolvida em termos econômicos, sociais, culturais, sem a escolarização. A escola é a esperança da formação cultural, do progresso, da conquista da dignidade, da emancipação (LIBÂNEO, 2002, p. 26).

E, de outro lado, também vemos que a rotina profissional do Professor eventualmente compete com a presença / ausência de uma ‘boa vontade’ institucional (envolvendo-se nisto os bastidores da Escola, da Família, do Estado *e. g.*) no tocante ao desejo ou à refutação de se implementarem tais práticas. Daí, enfim, desse descompasso entre os perfis e desejos dos diversos atores impulsionadores do processo, surgem divergências legais, sociais, culturais, políticas, teóricas. E, é assim, que mesmo no meio de onde tais demandas se originam (especificamente, as pautas linguísticas), o consenso em torno do que se quer viabilizar parece estar distante de ser atingido (vejamos o atual *status* da sigla LGBTQIAPN2+³, como elemento de ilustração desta nossa afirmação):

Entre inúmeros exemplos de práticas transfeministas e anticistêmicas (considerando a ideia de “cistema” como neologismo alusivo à cisnorma) optou-se por uma citação de Morgan Morgado, bibliotecária não-binária, em sua apresentação do livro “A primavera não-binária: o protagonismo trans não-binária no fazer científico” – uma coletânea de produções científicas, de pessoas não-binárias, publicada no ano de 2021. Essa opção se dá, sobretudo, por descrever de forma simples e até lúdica, essa prática de resistência cotidiana contra o cistema, com a lente de uma vivência não-binária e emprego de Neolinguagem: “A necessidade de afirmar nossa existência como real e válida na sociedade é um esforço gritante de gargantas que estão cansadas de serem silenciadas. (...) Nós, ilustres desconhecidas, que povoamos este mundo de diversas formas,

³ Esta é a versão mais recente (2024) de uma sigla, a partir da qual se tem identificado os integrantes da comunidade homossexual, contexto social este donde se originam iniciativas linguísticas como o Pajubá (LIMA, 2017) e a Linguagem Neutra (BERTUCCI & ZANELLA, 2015). A sigla nasceu por meio do designativo genérico de nomeação dos “gays”, mas que, com o tempo, incorporou ideias como a da representação visual das bandeiras *genderqueer* e dos sujeitos não-binários, associando-se ou não, a tudo isso, as cores do arco-íris. Ganhou, também, a representação gráfica de três letras, a sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), adicionando-se ao contexto, novos símbolos e a formulação de uma ‘linguagem neutra / inclusiva’, até que consultas recentes ao Google sobre a evolução da sigla, que começou com três letras, já assumia a presente conformação gráfica, abrangendo todo o público de Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e outros mais.

formatos, mantemos a bandeira NB (enby ou não-binária) levantada e pronta para ser chacoalhada para sinalizar um porto seguro para muitas pessoas como nós (...) para vivermos em paz e com saúde mental e física de enfrentar este mundo, sem tantas complicações que nos sufocam lentamente” (MORGADO, 2021, p. 14-15, *Apud* BREVILHERI, 2022, p. 02).

É a partir desta derivação contínua de novos ‘integrantes’, inseridos ou retirados do rol de abrangência da sigla, por exemplo, que culturalmente, nas Redes Sociais se alimentam o (em)debate entre grupos LGBT entre si, e destes, por sua vez, com pessoas, grupos ou instituições da sociedade (há confrontos registrados entre este ideário no meio religioso, no judiciário, no cenário político, na Escola, nas famílias, nas instituições de Estado) (ver IBIRITÉ, 2024).

Tudo isto, convém frisar, se institui no mundo digital, do mesmo modo que acontece no mundo físico. Ou seja, tanto no mundo real quanto no virtual, nos parece que, sem o auxílio científico, o dilema linguístico a passar pelo crivo de um Planejamento de Aulas formais, tende a se restringir a uma espécie de debate realizado numa ‘cracolândia cibernética’, produzindo resultados tão válidos quanto aqueles que restariam das discussões empreendidas numa mesa de boteco durante um bebedeira.

Isto tanto é assim que, muitas vezes, as *Big Techs*, suas Plataformas de *Streaming* e seus usuários (RASTA NEWS 2024 & PENIN, 2024), produzem e veicular conteúdos que pouco iluminam o tema, transformando esta e outras temáticas e seus atores em alvos de controvérsias e de polémicas, evaziando a arena reflexiva que poderia se formar em torno de assuntos social, cultural e politicamente relevantes.

Por isso, no momento de pensarmos em oferecer um Curso ou mesmo uma Disciplina de Graduação ou de Pós-Graduação, versando sobre Linguagem Neutra, não só é preciso levarmos em conta que “[...] todas as línguas se movem no fluxo de sua própria correnteza, em uma deriva que acaba por afastá-las da norma” (Edward Sapir. *Language*, p. 150, 1949. *Apud* FIORIN, 2023, p. 158), como também se faz necessária ao leitor, além, é claro, do ‘desabafo’ recuperado de Morgado (2021: *In*: BREVILHERI, 2022, p. 02, acima), uma breve digressão exemplar do fenômeno linguístico em pauta a ser discutido nas aulas.

Digressão metalinguística de certa práxis de linguagem

Convém lembrar que, para o Planejamento de um Curso de Linguagem Neutra, em certa medida, até se poderia considerar a Linguagem Inclusiva (vide trechos a seguir desta digressão metalinguística) como uma L2, face à normatividade prevalente da variante de prestígio da Língua Portuguesa (naturalmente vista, neste caso, como L1).

Logo, sabemos que: “Ao ver da teoria da variação, a distribuição do padrão de uso das variantes de uma variável, em uma determinada comunidade de fala, depende de fatores sociais, como gênero do falante, seu nível de escolaridade, sua faixa etária, sua origem étnica e a classe socioeconômica a que pertence” (William Croft. *Explaining language change*, 2000, p. 54. *Apud FIORIN*, 2023, p. 146).

E, é assim, então, que o sintoma linguístico antes aludido, isto é, que Elu, o vocabulário utilizadxs na denominada Linguagem Neutra, Linguagem de Gênero ou Linguagem Inclusiv@, vem sendo morfologicamente formatada como uma variante linguística, basicamente a partir de 4⁴ (quatro) arcahouces, tão complexos quanto dinâmicos e adaptativos (VIOTTI, 2023, p. 157): a) **o sistema El**; b) **o sistema Elu**; c) **o sistema Ile**; e, d) **o sistema Ilu**.

Embora @ empregue de quaisquer destas variantes nos pareça ‘empático@’, tal prática linguística, não apenas é ‘questionada’ por certa parcela da sociedade, em sua validade como suporte de comunicação, mas, também, se tornou objeto de nosso interesse, quando Professor@s a utilizaram (vide tópico ‘**Da coleta de dados**’) e, quando vista sob esse prisma, pergunto: “Isto se configuraria como um desservice prestado à Educação ou um exercício de cidadania?”, uma vez que feito por educadorxs, polítiques, inscrito em livres didáques e verbalizado por demais agentes públicos que a tais expressões recorrem (ver BREVILHERI, 2022).

Nesta seara, @ da Linguagem Neutra, alguns dão como certa a ideia de que idade, etnia e gênero são questões socialmente definidas. Outros ventilam a mensagem das ‘novas práticas de letramento’, como se fossem de mesma índole que a de ‘novos letramentos colocados em uso’. Todes, nisso, advogam o uso nestas novas práticas comunais, d@s nov@s itens de vocabulário aqui dispostes, no que mais confundem do que ajudam n’o debate sobre @ tema, municinando a contradição (RAJAGOPALAN, 2000).

El desvio intencional da Norme Padrão da Língua, se coloca na contramão de ilus, isto é, dos Diplomas Legais que regulam a Língua Portuguesa, reconfigurando o Português para uma espécie transitória de ‘portunhol’. Assim se desvirtua, e. g., @ CF / 88, que, em seu Art. 13, informa que: “A Língua Portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”, bem como, @ Decreto 6.583/29/09/2008, ile que adotou @ atual Norma Ortográfica, tendo como signatárias, não só o Brasil, mas todes os Países da PALOP e da CPLP (‘Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa’; e, ‘Comunidade de Países de Língua Portuguesa’). Logo, se tais Leis não bastam para balizar a linguagem, é urgente retornar à sala de aula, a fim de verificarmos “Que Língua é Esta?”, afinal, e, se preciso, planejarmos um Curso sobre ela, revisando a Língua em

⁴ 4 Este é um dos símbolos para a designação intergêneros, utilizado aqui no lugar do ‘0’. Porém, este, junto a outros elementos gráficos ou linguísticos, como o símbolo @ e a letra ‘x’, aparecem na Linguagem Neutra como ‘alternativa’ para a marcação de gênero linguístico diverso que o binário masculino / feminino.

regime de reflexivo, municiando os futuros titulares da docência linguística com os principais tópicos de sua práxis.

Outr@ caminhe mais tortuoso que il 'desvio intencional da Norma' da Língua, pode ser tutelado, pelo Art. 319, de Código Penal Brasileiro, visto que em tal Lei, se estipul@ como agente ativ@ de tipo positivo, e Funcionári@ Público (Docentes Concursados e membr@s de todos ilus, @s cargos públicos dos governos municipais, estaduais e federais).

E, ainda, devemos de nos lembrar, d@ quase desconhecido ISO 639-1, @ qual trate dos Códigos para a representação de nomes de idiomas (ver ISO 639, 2024), observando, desde 1967, tod@s os padrões da Língua Portuguesa utilizada, dentre outros sítios de produção de conteúdos de comunicação, aqueles típicos da Informática etc.

Ou seja, @s Alunos, a sociedade em geral, querendo, até poderiam utilizar qualquer linguagem informal (a Neutra, @ Klingon, @ Esperanto, @ Internetês, ꞑ Bajubá etc.), porém, quem não deveria, e nem poderia, seriam os Professor@s, ilus, funcionários públicos, por que, tal contingente, por força de coerência de cátedra e ou regime funcional, deveriam difundir somente o que é tido como correto, e não se ocuparem em associar a violação de Normas a argumentos metafóricos, ainda que geniais, falseando @ a frase de Sapir, acima. O que não se debate, nesse ínterim, é que, com tais evocações, pulam-se fases de estudos não feitos, de aulas não dadas, impondo-se sintomas linguísticos sincrônicos, que podem ser temporários, às diacronias consolidadas, como se aqueles viessem de postulados já incontestáveis.

1.1 Da coleta de dados

Para a realização de um Curso desta natureza, foi necessário que tivéssemos alguns dados, os quais sobrevieram por meio de uma coleta de dados mínima, a qual se deu entre os anos 2016-2024, oriunda de vários contextos.

O marco zero, contudo, se deu em 06/09/2016 (*print* abaixo), momento em que passei a recolher, em meio aos comunicados institucionais circulantes em minha Unidade Acadêmica de lotação funcional – UEMG / Frutal (Universidade do Estado de Minas Gerais), textos de *e-mails* e outros formatos que traziam expressões adotando caracteres desta variante na Língua Portuguesa brasileira.

Nota-se, como valor relevante para formulação de uma proposta de Curso, que isto, a coleta de dados assim feita, viabilizou a anulação do efeito metodológico do 'paradoxo do observador', visto que os emitentes das mensagens, dos avisos, dos enunciados recolhidos, desconheciam a coleta que eu realizava (MENDES, 2020 & 2023), imprimindo às amostras, um viés de genuidade, de espontaneidade bastante próximos daquilo que, de fato, acontece em ambientes não controlados de interação social e comunicativa.

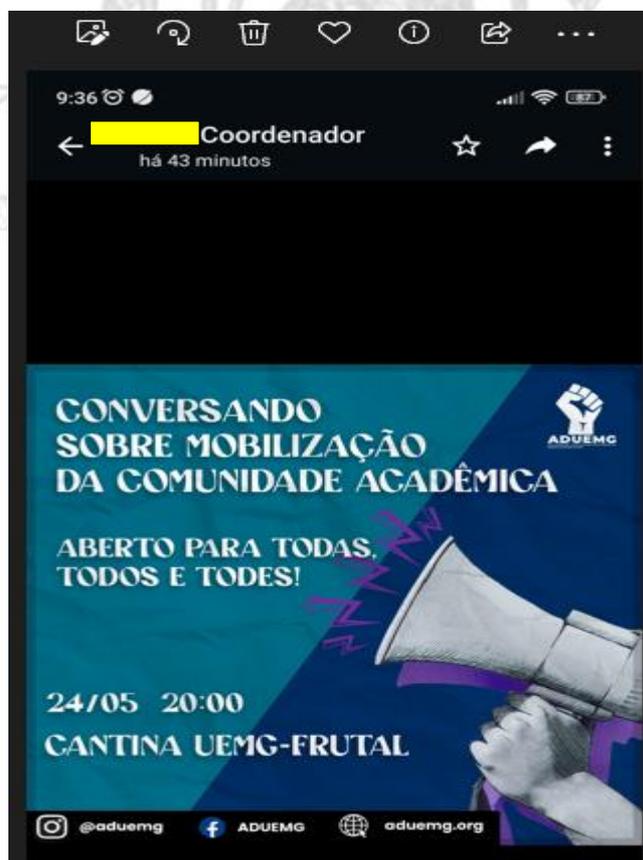
E, foi assim, que, a partir de 2016, reservamos a primeira amostra linguística:

----- Mensagem encaminhada -----
De: **Biblioteca Frutal** <biblioteca.frutal@uemg.br>
Data: 5 de setembro de 2016 15:11
Assunto: Re: Visita do Conselho - Sistemas de Informação
Para: Departamento Ciências Exatas e da Terra <dcetuemg@gmail.com>, "administrativo@uemgfrutal.org.br" <administrativo@uemgfrutal.org.br>, UEMG Frutal <comunicacaouemgfrutal@gmail.com>, "secretariauemg@hotmail.com" <secretariauemg@hotmail.com>, "pesquisa.extensao.frutal@gmail.com" <pesquisa.extensao.frutal@gmail.com>
Cc: Diretoria Frutal <diretoria.frutal@uemg.br>

Prezadxs,

(Este é o Marco 'Zero' das amostras: 05/09/2016)

Ao longo do tempo, outros exemplares de comunicação inclusiva foram sendo incorporados ao *corpus* do Projeto "Que Língua é Esta?", tais como o comunicado abaixo (o nome de seu emissor / compartilhador foi oculto pela tarja amarela):



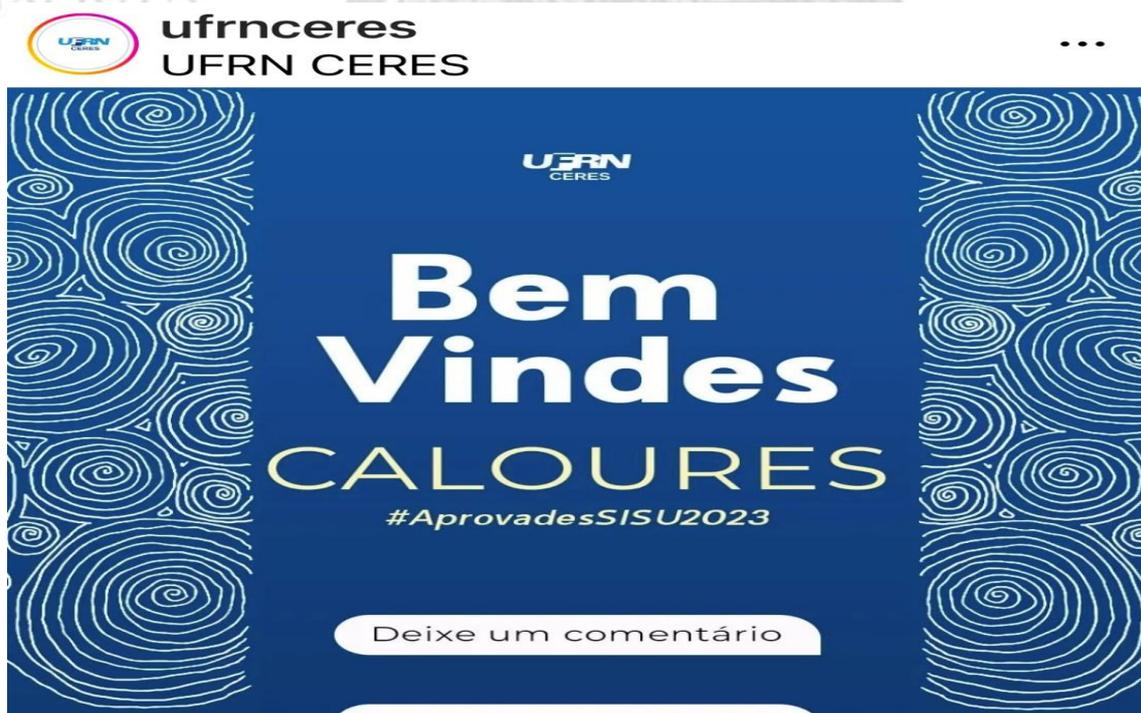
(Chamada para Assembleia Docente: 24/05/2024)

Desde a primeira evidência (2016) e a mais recente (oriundas da UFSCAR, em 2024), somam-se perto de 100 (cem) casos desta natureza em nosso *corpus*. Um detalhe: os itens coletados são predominantemente protagonizados por órgãos de Governo, por Docentes ou setores administrativos das Universidades. Tais amostras foram veiculadas por *e-mails* institucionais, comunicados, avisos públicos, por meio de *chat* de reuniões virtuais, como as que acontecem na “Plataforma TEAMS”, ou impressas em *sites*, como vemos a seguir, na frase “¡Gracias a todxs por su ayuda!”:



(Página acessível a partir do *site* principal da UFSCAR)

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte, também veiculou informativo aos acadêmicos, empregando este formato linguístico, em 2023:



Órgãos e integrantes de Governo, tais como a Agência Brasil de Comunicação, também passaram a empregar elementos de neolinguagem (ver também, outras ocorrências, em MARTINS, 2023). No texto abaixo, lemos ‘Parlamentares eleites reúnem-se pela primeira vez em Brasília’:



Até mesmo o Museu da Língua Portuguesa, em 2021, aderiu à neolinguagem, em alguns de seus comunicados, via Twitter (Big Tech que, depois, foi tornada ‘X’), empregando, junto da ideia de ‘Inclusão’, a mensagem linguística do ‘todas, todas e todes os falantes’:



Este pequeno elenco de amostras, recolhidas prioritariamente em meio ao ambiente universitário, é o que, ao longo do tempo foi nos permitindo, não apenas a propor um Projeto de Pesquisa em nível doutoral junto à UFSCAR, como também pode nos sugerir a necessidade de tratarmos pedagogicamente do assunto, imprimindo-lhes um formato de Curso, orientado por aulas, instituindo-se, ao lado daquela aludida 'cracolândia digital', daquele 'boteco virtual', uma prática reflexiva, fundamentada, cujos resultados poderão ajudar no preenchimento do vazio que se alimenta de uma metalinguagem autofágica.

Do Curso: reflexões preliminares sobre seu planejamento

Feitas as apresentações iniciais sobre o escopo social, histórico, político e institucional dentro ao qual um Curso de Linguagem Neutra poderia se inserir, partimos, neste momento, para tecer as considerações reflexivas norteadoras do processo e do reconhecimento dos agentes como um todo.

Neste sentido, questão central no compreender os humanos de onde nosso formulação de um Curso precisaria aliar aos seus elementos técnicos e tais estes, constituintes componente curricular se



pode-se afirmar, que será Planejamento de nosso Curso, diferentes contextos culturais e público se origina, visto que a como o nosso, necessariamente princípios didáticos, os teóricos disponíveis, insumos da comunidade alvo à qual tal destinaria. Assim, temos que:

Definindo-se como mediação escolar dos objetivos e conteúdos do ensino, a Didática investiga as condições e formas que vigoram no ensino e, ao mesmo tempo, os fatores reais (sociais, políticos, culturais, psicossociais) condicionantes das relações entre a docência e a aprendizagem. Ou seja, destacando a instrução e o ensino como elementos primordiais do processo pedagógico escolar, traduz objetivos sociais e políticos em objetivos de ensino, seleciona e organiza os conteúdos e métodos e, ao estabelecer as conexões entre ensino e aprendizagem, indica princípios e diretrizes que irão regular a ação didática (LIBÂNEO, 1992, p. 52).

Como o objetivo a ser atingido neste momento da escrita é o da reflexão sobre os ditames norteadores do Ensino e Aprendizagem de uma L1 / L2, e de certa prática docente em torno de suas prerrogativas profissionais na construção do Planejamento de conteúdos, é interessante associar esta premissa de interação sociocultural aludida por Libâneo, acima disposta, ao que nos apresenta a Matriz de Referência do ENEM (MEC, 2024), no capítulo em que se apresentam os eixos cognitivos comuns a todas as áreas do conhecimento.

Particularmente sobre a questão da linguagem, diz-se na Matriz, que o estudante deverá: "I. Dominar linguagens (DL): dominar a norma culta da Língua

Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica e das línguas espanhola e inglesa”.

Esta leitura e a reflexão sobre o que se nela se diz, é fundamental para o conceito de Planejamento que se quer adotar aqui, tendo em vista que o público-alvo de nossa proposta, o univesitário, em última análise, é quase sempre oriundo do sistema regular de ensino e, via de regra, passou pelos exames do ENEM, sendo sujeito, portanto, replicador de uma conjuntura que, se não criada por ele, é por meio dele que invariavelmente se reproduz, se perpetua e se solidifica em meio aos vários contextos com os quais tais indivíduos interagem.

Logo, lendo e pensando sobre este pressuposto, nos parece que o legislador educacional misturou na construção da hipótese didática pretendida para o ENEM, o escopo do que seria próprio dos idiomas (elementos notacionais e gráficos, tais como símbolos escritos e fórmulas sintagmáticas do português), aproximando-os dos substratos históricos, conceituais, psicossocio-culturais mais afeitos às Artes. Neste ponto, tal emaranhamento não é exatamente nocivo.

Entretanto, ao longo do Planejamento, pensamos que talvez isto se torne prejudicial, quando, ao juntarmos aos Idiomas e às Artes, os ditames da Matemática e da Ciência, sem algum tipo de filtro. Isto é, fazendo isto indiscriminadamente, estarei acatando piamente o princípio de que todas estas disciplinas (Matemática, Ciência, Artes) podem ser reduzidas ao campo de domínio do que se entende como linguagem.

Indo além, vemos que a linguagem é um fato social (SAUSSURE, 2006) e, logo, Inglês, Francês, Português, Alemão, Dança, Pintura, Matemática, ABNT, a terminologia e o linguajar científico, tais como o uso do Latim e as regras da ABNT, segundo o que vemos na Matriz, são Disciplinas tomadas em conjunto, como se fosse possível reduzi-las todas aos ditames previstos para o rol de uma só esfera de compreensão: a da linguagem (vista como fato social).

E, caso esta junção de paradigmas aparentemente semelhantes, porém pedagogicamente distantes, vier a ocorrer, poderemos recorrer a um tipo de solução, apontada por Rosenfeld (2023):

Aliado a este fato, acreditamos fortemente no ensino centrado na ação do aluno e na solução de problemas. Diante de tais pressupostos, um planejamento norteado pelo paradigma da abordagem estar junto-virtual nos parece bastante adequado para a construção de conhecimentos em contexto de formação de professores. Estes, com seus inúmeros afazeres, podem interagir com colegas, construir novos conhecimentos, independentemente do local e tempo em que se encontram, por meio de interações assíncronas em um ambiente virtual de curso, de problematizações e de engajamento em tarefas de forma colaborativa (ROZENFELD, 2023, p. 292).

E, se isto assim decomposto, ao olhar do leitor pode não figurar necessariamente como um problema, a compilação de tudo isto num mesmo escopo pode impor ao docente, durante o Planejamento de Curso, uma dificuldade adicional àquelas duas primeiras já mencionadas no começo deste nosso *paper*.

CONCLUSÕES

Durante o período de coleta (2016-2024), não temos discentes utilizando tais variantes da Língua, nem gírias, socioletos, idioletos ou 'Internetês, e. g (BESSA, 2019). As ocorrências discentes (nos *e-mails* institucionais e nos comunicados formais das Universidades) foram 'zeradas', mesmo durante a Pandemia de COVID-19, momento de intensa troca de mensagens digitais, envolvendo Alunos, Professores e a Administração universitária, contexto em que se aumentaria naturalmente a chance de isso acontecer, visto que:

Os jovens com menos de 20 anos, principalmente aqueles frequentadores assíduos das salas de bate-papos, acabaram "aperfeiçoando" a língua, simplificando a grafia, criando símbolos e neologismos e aplicando a liberdade da fala à escrita. Eles passaram a se comunicar primordialmente através dessa linguagem virtual e dinâmica. Contudo, o que parecia uma brincadeira de criança começou a preocupar alguns professores da língua portuguesa, pois as conversas pela rede utilizam uma linguagem muito distante da chamada norma culta (BESSA, 2019, p. 02).

Convém frisar, que ao forcarmos a eventualidade de oferta das Aulas no público universitário (em estágio de formação pré-serviço docente), consideramos no Planejamento de Curso, o fato de que é de contextos estudantis, mas não só dele, que surgem a Norma e a transgressão dela (POERNER, 2004). É deles, também, que nascem expressões como Gramática, Semântica, Sintaxe, Linguagem Poética, Linguística, Sociolinguística, Análise do Discurso, Jogos de Linguagem, Gírias, Internetês e Conlangs (do inglês: 'Constructed Languages').

E, de modo semelhante ao que lemos no relato de experiência publicado por Tocaia (2024), embora voltado ao ensino do idioma Francês como L2, o que ele apresenta nos serve como aporte balizador e como conselho, em função daquilo que nos espera durante o Planejamento e eventual execução do Curso:

[...] as capacidades linguístico-discursivas desenvolvem-se pelo domínio, da parte do produtor do texto ou do leitor, de operações psicolinguísticas e de unidades linguísticas, não só mediante categorias sintáticas, fonéticas ou morfológicas, mas também por meio de posicionamentos enunciativos do autor do texto, gerenciamento de vozes, modalizações, operações de

textualização, construção de enunciados e escolha de itens lexicais (TOCAIA, 2024, p. 06).

É da sociedade, também, que se originam a ABL (Academia Brasileira de Letras), e expedientes normativos como o Decreto 6.583/2008, que institui o Novo Acordo Ortográfico vigente e, até mesmo, o Padrão ISO 639 / 1998, que preserva os códigos de linguagens naturais, como a Língua Portuguesa, ou a das Línguas Artificiais, como um HTML ou o Esperanto, donde se viabiliza chegarmos tanto aos ditames de um Pajubá (LIMA, 2017), quanto aos da 'ASCII' (Código Padrão Americano para o Intercâmbio de Informação – 'American Standard Code for Information Interchange', EUA, 1963). Por isso, não fica muito difícil de se compreender, de onde se originariam todas aquelas amostras dadas a conhecer em nossa **Coleta de Dados**.

É, também, por meio da preservação / transformação sociocultural, que linguagens alternativas às nacionais são introduzidas na sociedade (FIORIN, 2023, p. 09). Assim se dá com o 'Internetês', criado e difundido via suportes tecnológicos de comunicação. A questão que se interpõe diante de nosso Planejamento de Curso, acentua o viés de desafio a ser vencido nesta proposta, uma vez que o público-alvo do Curso, é nascido em berçário tecnológico. Logo:

A virtualidade, como sabemos, é o mundo da imagem, da representação técnica do real. Do ponto de vista pedagógico, a questão é saber qual o papel das imagens na formação intelectual, no desenvolvimento do pensamento, como ajudam na conquista do conhecimento, como pode contribuir para a formação de sujeitos pensantes (LIBÂNEO, 2002, p. 28).

Isso (a 'negação', 'o espanto pela novidade', 'a adesão') também já aconteceu com o 'Esperanto' (Língua criada em 1887, pelo médico Lejzar Ludwik Zamenhof), ou, com o inusitado 'Klingon' (Língua Artística, criada pelo linguista Marc Okrand, para os filmes da série americana de televisão, Star Trek, 1966) etc. Já, esta ideia 'Não-binária' mais recente, alvo de nossos Planos de Aula, é vertente que se notabilizou, vinculada às causas LGBTQIAPN2+ (BERTUCCI & ZANELLA, 2015), tal qual já se deu com o Pajubá, na década de 1970 (LIMA, 2021). Vimos, ao longo do texto (sobretudo, por meio do entrecruzamento das **Referências** dadas ao leitor), que ambas as linguagens (a Neutra, o Pajubá), enfrentam barreiras tanto dentro quanto fora do segmento de seus postulantes.

A proposta Neutra, Inclusiva, ou Não-Binária, desaloja a sociedade de seu repouso, desafiando-a não só a compreender os motes, mas designando-lhe a missão de rever regramentos linguísticos históricos, e até os multilateralmente pactuados, a fim de se acrescentarem ou não, ao léxico, certo vocabulário encoberto ao tido como padrão, modificando o *status* de prestígio do que ainda é uma 'gíria', um 'socioleto', 'um jogo de linguagem' talvez (WITTGENSTEIN, 2017), e que inegavelmente transita pelos cenários sociais, universitários, de governo, como um dos modos de *empowerment*, por meio dos quais, as novas gerações se expressam, buscando ocupar seu lugar na história e no mundo.

REFERÊNCIAS

BERTUCCI, Pri & ZANELLA, Andrea. Manifesto ILE Para uma comunicação radicalmente inclusiva – Lançado em 2015. Reprint in: SKYYVODKA, 2017. Disponível em: <http://www.skyyvodka.com.br/#!/artigo&manifesto-ile-para-uma-comunicacao-radicalmente-inclusiva>. Acesso em: 02/04/2021, às 12h05min.

BREVILHERI, Úrsula Boreal Lopes; LANZA, Fábio; SARTORELLI, May Romeiro. Neolanguage and “neutral language”: inclusive potentialities and/or conservative reactions / Neolinguagem e “linguagem neutra”: potencialidades inclusivas e/ou reações conservadoras. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 11, n. 11, p. e523111133741, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i11.33741. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/33741>. Acesso em: 27/08/2024, às 21h41min.

FILHO, Fábio Ramos Barbosa & OTHERO, Gabriel de Ávila. *Linguagem neutra – língua e gênero em debate*. São Paulo: Parábola, 2022.

FIORIN, J. L. (org.). *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2023.

GARVIA, Roberto. A batalha das línguas artificiais (volapük, o primeiro ator). Dossiê – Sociologia e História. *Tempo soc.* 24 (2), novembro de 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/ijts/a/bNqM4pds6LkW9yP6GVbzJGK/?lang=pt>. Acesso em: 27/08/2024, às 21h44min.

GIMENEZ, Telma & RAMOS, Samantha Gonçalves Mancini. Planejamento de Curso online como atividade de estágio curricular na área de inglês. *Periódicos UFSC: Ilha do Desterro*, Florianópolis nº 66, p. 101-131, jan/jun de 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2014n66p101/27382>. Acesso em 27/08/2024, às 19h55min.

IBIRITÉ. Câmara Municipal de Ibirité. Lei Ordinária Nº 2342, de 30 de Agosto de 2022. PROÍBE ÀS INSTITUIÇÕES FORMAIS PÚBLICAS E PRIVADAS DE ENSINO, A APLICAÇÃO E O ENSINO, AINDA QUE EVENTUAL, DA DENOMINADA "LINGUAGEM NEUTRA" OU "DIALETO NÃO BINÁRIO" NO MUNICÍPIO DE IBIRITÉ E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. Disponível em: <https://www.camaraibirite.mg.gov.br/documento/lei-ordinaria-no-2342-de-30-de-agosto-de-2022-4602>. Obs.: Esta Lei foi derrubada pelo STF (Min. Moraes, em 20/05/2024).

IFB – Instituto Federal de Brasília / Campus Recanto das Emas. PLANO DE CURSO FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA – FIC DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL E SOCIAL: Preparatório para Processos Seletivos de Ensino Superior (VESTIBULAR e ENEM). Disponível em: <https://www.ifb.edu.br/attachments/article/19031/Plano%20de%20curso%20-%20FIC%20ENEM.pdf>. Acesso em: 27/08/2024, às 20h16min.

ISO 639. Códigos para Representação de Nomes de Idiomas, 2024. Disponível em vários links: http://www.infoterm.info/standardization/iso_639_1_2002.php. Neste: <https://localizely.com/iso-639-1-list/>. Ou, também: http://www.infoterm.info/searchresults.php?we_lv_search_searchterm=639-1&we_from_search_searchterm=1. E, ainda: https://www.infoterm.info.translate.goog/standardization/iso_639_1_2002.php?x_tr_sch=http&x_tr_sl=en&x_tr_tl=pt&x_tr hl=pt-BR&x_tr_pto=sc. Juntar com: https://www-loc-gov.translate.goog/standards/iso639-2/php/code_list.php?x_tr_sl=en&x_tr_tl=pt&x_tr hl=pt-BR&x_tr_pto=sc. Acessos em: 27/01/2024, às 16h45min.

LIBÂNEO, José Carlos. *DIDÁTICA* – teoria da instrução e do ensino. São Paulo: Cortez, 1992, p. 51-74.

LIBÂNEO, José Carlos. *DIDÁTICA* – velhos e novos temas. Edição do Autor, 2002. Disponível em: https://praxistecnologica.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/08/libaneo_didatica_ed_do_autor.pdf. Acesso em: 27/08/2024, às 20h24min.

LIMA, Carlos Henrique Lucas. *Linguagens Pajubeyras: re(ex)sistência cultural e subversão da heteronormatividade*. Livro oriundo de Tese, defendida em 2016, na UFBA – https://agenda.ufba.br/?tribe_events=linguagens-pajubeyras-reexistencia-cultural-e-subversao-da-heteronormatividade. Editora Devires: Bahia, 2017 / Amazon Books, 2021.

MARTINS, Victória. *Ministros do governo lula utilizam linguagem neutra em seus discursos de posse*. R7 Notícias, Portal Lorena, 06/01/2023. Disponível em: <https://lorena.r7.com/post/Ministros-do-governo-Lula-utilizam-linguagem-neutra-em-seus-discursos-de-posse>. Acesso em: 23/05/2023, às 21h7min.

MEC – Ministério da Educação / Secretaria de Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 28/08/2024, às 00h06min.

MEC – Ministério da Educação / INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *MATRIZ DE REFERÊNCIA ENEM*. Disponível em: https://download.inep.gov.br/download/enem/matriz_referencia.pdf. Acesso em: 27/08/2024, às 20h19min.

MENDES, Ronald Beline. *Percepções de masculinidade e feminilidade associadas à concordância nominal de número*. In: Danniell Carvalho; Dorothy Brito (Org.). *Gênero e Língua(gem): Formas e Usos*. 1ª ed., Salvador: EDUFBA, 2020, p. 67-93.

MENDES, Ronald Beline. *Língua e variação*. In: FIORIN, J. L. (org.). *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2023, p. 111-135.

NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo linguístico – os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

PENIN, Daniel. *Choquei – lacrando vidas*. Disponível em: <https://youtu.be/FC1jngBKLKI>. Acesso em 04/01/2024, às 21h.

POERNER, Arthur José. *O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros*. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

RAJAGOPALAN, K. *Sobre o porquê de tanto ódio contra a linguagem “politicamente correta”*. In: F. Silva & H. Moura (Orgs.). *O direito à fala: a questão do preconceito linguístico*. Florianópolis: INSULAR, 2000.

RASTA NEWS. *Novílingua*. YOUTUBE, 2024. Disponível em: <https://youtu.be/LojCFNr8MXM>. Acesso em: 27/08/2024, às 22h41min.

ROZENFELD, Cibele Cecílio de Faria. Planejamento de cursos online para professores de alemão: parâmetros em Mapa Conceitual. *Pandaemonium*, 16 (22), dezembro de 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pg/a/bn36LBVMxv8CmyZpwCgBmwk/?lang=pt>. Acesso em: 27/08/2024, às 20h11min.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

TOCAIA, Luciano Magnoni. Planejamento e elaboração de atividades didáticas para o ensino de francês em um ambiente virtual de aprendizagem: ensino de gêneros textuais e desenvolvimento de capacidades de linguagem. *Periódicos UFMG: Texto Livre*, Belo Horizonte, v. 17, e51248, p. 01-14, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/51248/43932>. Acesso em 27/08/2024, às 20h01min.

TOURINHO, Francis Solange Vieira. *Tire o racismo do vocabulário – glossário de palavras racistas e suas substituições*. Florianópolis: LABTESP, 2022. Disponível em: <https://pedagogia.paginas.ufsc.br/files/2022/11/glossa%CC%81rio-palavras-racistas-Livreto.pdf>. Acesso em 03/12/2023, às 16h01min.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *O livro azul (1933-34)*. Campinas: Edições 70, 2017.